

SOBRE A ECONOMIA PSICOPOLÍTICA

ABOUT THE ECONOMIA PSICOPOLÍTICA

Por **Evandro Vieira Ouriques**
evandro.vieira.ouriques@gmail.com

Núcleo de Estudos Transdisciplinares de Comunicação
e Consciência (NETCCON)
Escola de Comunicação
Universidade Federal de Rio de Janeiro
Brasil

RESUMO

O mal estar hoje da teoria social, bem como das metodologias de mudança, é resultante de um conjunto de sintomas que estimulam um avanço epistêmico da ordem da caesura. No entanto, como o avanço epistêmico que se constrói em rede e se oferece com a economia psicopolítica é o da passagem da tradição dualista para a emergência do não-dualismo, tal passagem é a um só tempo a quebra da regularidade (que permite superar o axioma hobbesiano), mas também o aprofundamento teórico das grandes conquistas obtidas pelas economias políticas e pelos estudos culturais e socioculturais. Em relação às primeiras, a economia psicopolítica as ajuda a superar o impasse gerado por seu foco nas políticas de redistribuição, uma vez que não existem recursos naturais para universalizar os bens e serviços percebidos como «desenvolvidos», e que tal padrão de produção e consumo não pode ser naturalizado como a «condição humana»; e aos estudos culturais e socioculturais, as ajuda a superar o seu foco nas políticas de identidade.

ABSTRACT

The malaise of today's social theory, as well as the methodologies of change, is the result of a set of symptoms that stimulate an epistemic advance in the order of caesura. However, as this epistemic advance is built on network and offered as the psychopolitical economy is the passage of the dualist tradition for the emergence of non-dualism, this passage is at the same time the breaking of the regularity (that overcomes the Hobbesian's axiom), but also the advance of the great achievements made by the political economies and the cultural and sociocultural studies. Regarding the political economies, the psychopolitical economy helps to overcome the impasse generated by its focus on the redistribution policies, since there are no natural resources to universalize the goods and services perceived as «developed», and that such a pattern of production and consumption can not be naturalized as a «human condition»; and regarding the cultural and socio-cultural studies, the psychopolitical economy helps them to overcome their focus on policies of identity.

PALAVRAS-CHAVE

economia psicopolítica
estudos culturais
estudos socioculturais
teoria social latinoamericana

KEYWORDS

psychopolitical economy
cultural studies
sociocultural studies
latinamerican social theory

Recibido: 02 | 06 | 2014

Acceptedo: 04 | 09 | 2014



SOBRE A ECONOMIA PSICOPOLÍTICA

Por Evandro Vieira Ouriques

*Qual a coisa mais difícil que existe?
A que parece mais fácil
Aos seus olhos ver,
Aquilo que está diante do seu nariz.
Goethe (Reich, 2003)*

O mal estar hoje da teoria social, bem como das metodologias de mudança, é resultante de um conjunto de sintomas que estimulam um avanço epistêmico da ordem da *caesura*. No entanto, como o avanço epistêmico que se constrói em rede e se oferece com a economia psicopolítica é o da passagem da tradição dualista para a emergência do não-dualismo, tal passagem é a um só tempo a quebra da regularidade (que permite superar o axioma hobbesiano), mas também o aprofundamento teórico das grandes conquistas obtidas pelas economias políticas e pelos estudos culturais e socioculturais.

Em relação às primeiras, a economia psicopolítica as ajuda a superar o impasse gerado por seu foco nas políticas de redistribuição, uma vez que não existem recursos naturais para universalizar os bens e serviços percebidos como «desenvolvidos», e que tal padrão de produção e consumo não pode ser naturalizado como a «condição humana»; e aos estudos culturais e socioculturais, os ajuda a superar o seu foco nas políticas de identidade, que os coloca no impasse não-resolvido de conseguirem transformar direitos sociais, políticos e culturais em direitos econômicos.

A superação destes focos, que acabaram, de maneira paradoxal, por reiterar o «crescimento ilimitado» do neoliberalismo e do neo-desenvolvimentismo, demanda conhecer o fundamento epistêmico que permite que forças emocionais, cognitivas e volitivas sejam capturadas de maneira inconsciente, também à esquerda, e, claro, à direita como já era de se esperar, por esta mentalidade, há muito criticada por exemplo por Walter Benjamin: «Este es el punto, y no es problema teórico, es un problema epistémico» (Zemelman, s/d).

As ciências sociais, em sua inalienável –porém hoje tão pouco costumeira– relação com a filosofia, precisam exercitar o seu avanço, o que depende necessariamente da abertura às epistemologias não-hegemônicas (Ouriques, 2011), uma vez que as hegemônicas não têm sido historicamente suficientes para ajudar aos acadêmicos, às lideranças sociais e às lideranças

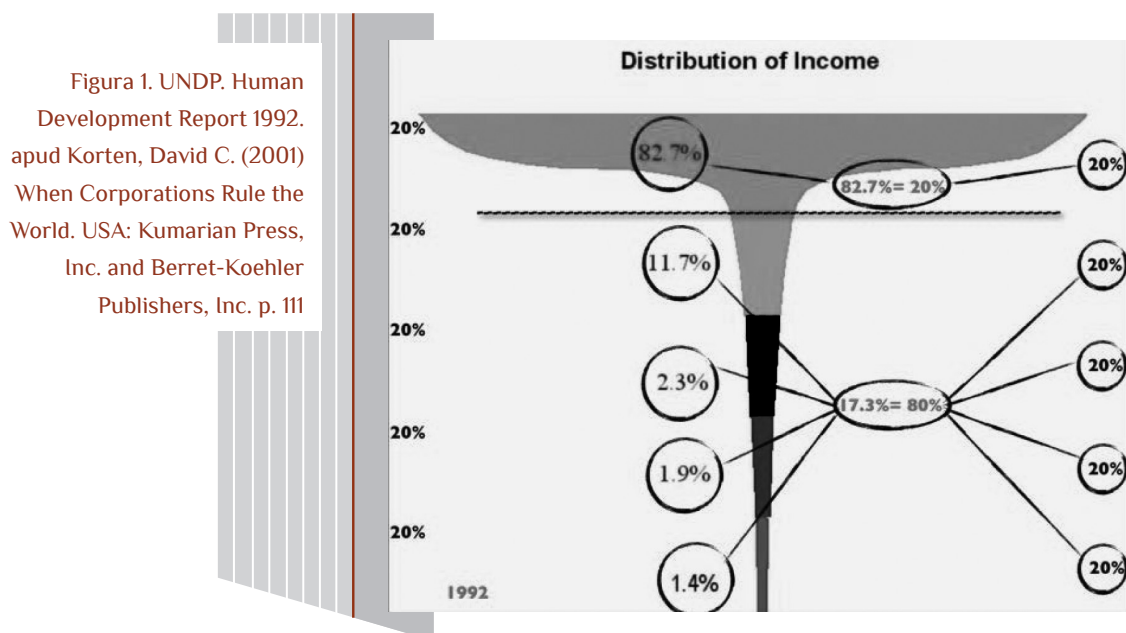
organizacionais, por exemplo a partir da Alemanha, França, Inglaterra, Itália e Estados Unidos, a impedir o triunfo da devastação econômica e ambiental e da ascendência neo-fascista.

Como sabemos, a Segunda Grande Guerra converteu a Europa no continente mais violento do mundo, quando morreram entre 60 e 85 milhões de pessoas, ao que se soma as centenas de milhões de mortos e deslocados nos processos de colonização e pós-colonização, nos quais também os Estados Unidos estão envolvidos de maneira decisiva desde o pós-guerra. Digo isto pois cabe a nós, a partir da América Latina, a responsabilidade de oferecer aos nossos colegas, amigos e semelhantes um caminho epistêmico, teórico e metodológico de fato eficiente e eficaz no atendimento às demandas da Sociedade.

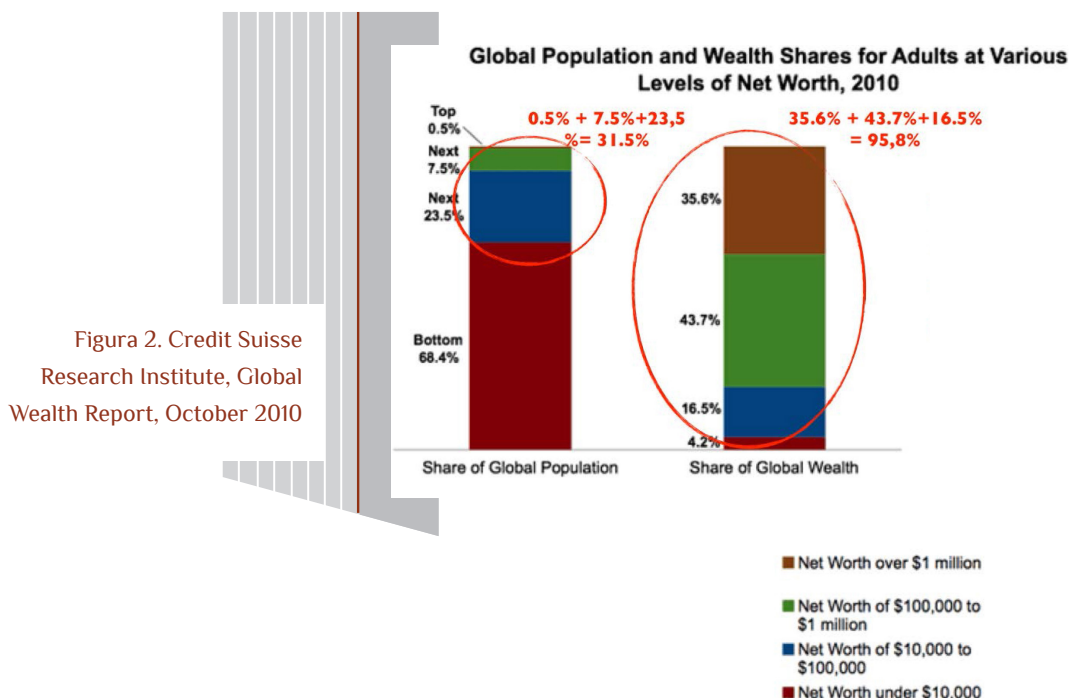
Para isso a economia psicopolítica parte do diagnóstico promovido pela análise de dados empíricos e demais constatações objetivas a respeito das reais condições sociais, econômicas, políticas e ambientais que se vive. É a partir do conhecimento de como o axioma hobbesiano, e a correspondente financeirização do mundo (o «capital fictício» ao qual já se referia Carl Marx), instalam-se nos *territórios mentais* (Ouriques, 2009), ou seja, nos fluxos de pensamentos (racionalidades cognitiva, instrumental e axiológica), afetos (emoções e sentimentos), percepções (sensações e intuições) e volição, é que estamos construindo epistêmica, teórica e metodologicamente, e em rede, a economia psicopolítica tendo em vista sua capacidade de emancipação em tais ambientes resultantes da opressão e colonização dos *territórios mentais* (Ouriques, 2009).

OS DADOS DE CONCENTRAÇÃO DE RENDA E DEVASTAÇÃO DA NATUREZA

Vejamos por exemplo dados a concentração de renda ocorrida enquanto eram utilizadas as teorias disponíveis: em 1992 [Fig. 1], 20% da população mundial concentrava 82,7% do que a direita, o centro, a esquerda e «a»-políticos consideram «riqueza» mundial.



Agora vejamos a situação oito anos após, 2010. [Fig. 2]



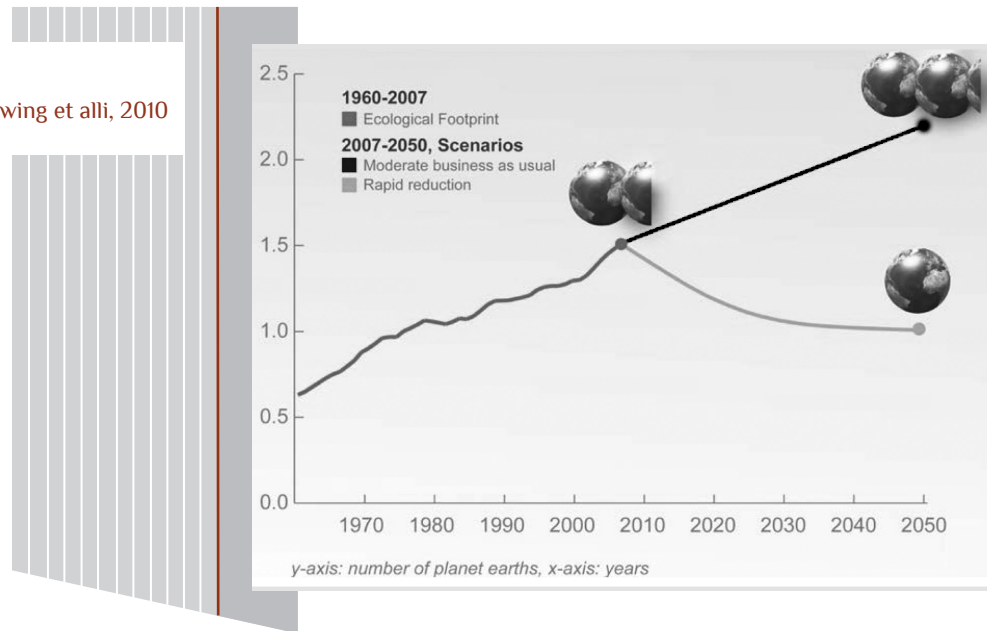
Os 0,5% (e não o 1% aos quais os movimentos sociais se referenciam) que ganharam mais de \$1 milhão de dólares líquidos concentrou 35,6% da riqueza mundial. Acrescido do grupo de 7,5% intimamente ligado a eles, e que ganharam entre \$100 mil e \$1 milhão de dólares, encontra-se o total de 8% da população mundial adulta que controlou 79,5% da riqueza mundial. E estes dois segmentos, acrescidos dos 23,6% que ganharam entre apenas \$10 mil anuais e \$100 mil, somam os 31,6% da população adulta mundial que controlaram 95,8% da renda mundial.

Ou seja, estes 31,6% formam o coletivo de indivíduos em pleno exercício da «capacidade coletiva de realização» que gostaríamos que as teorias sociais e as metodologias de mudança tivessem a capacidade de mobilizar para que, por exemplo, os índices de concentração de riqueza, e muitos outros, não fossem estes.

Dito de outra maneira, qualquer pessoa que ganhou a partir de 834 dólares mensais em 2010 fez parte do coletivo de 31,6% da população adulta que deixou 68,4% da população adulta com apenas 4,2% da riqueza mundial.

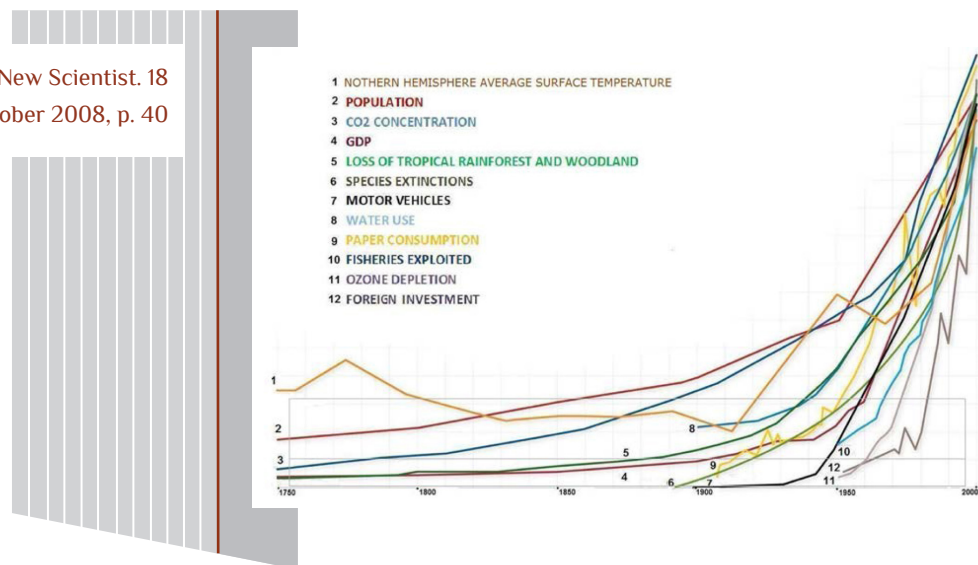
Agora temos aqui os custos ambientais de tal «riqueza» concentrada, que as teorias em vigor gostariam de desconcentrar e distribuir para todos:

Figura 3. Ewing et alli, 2010



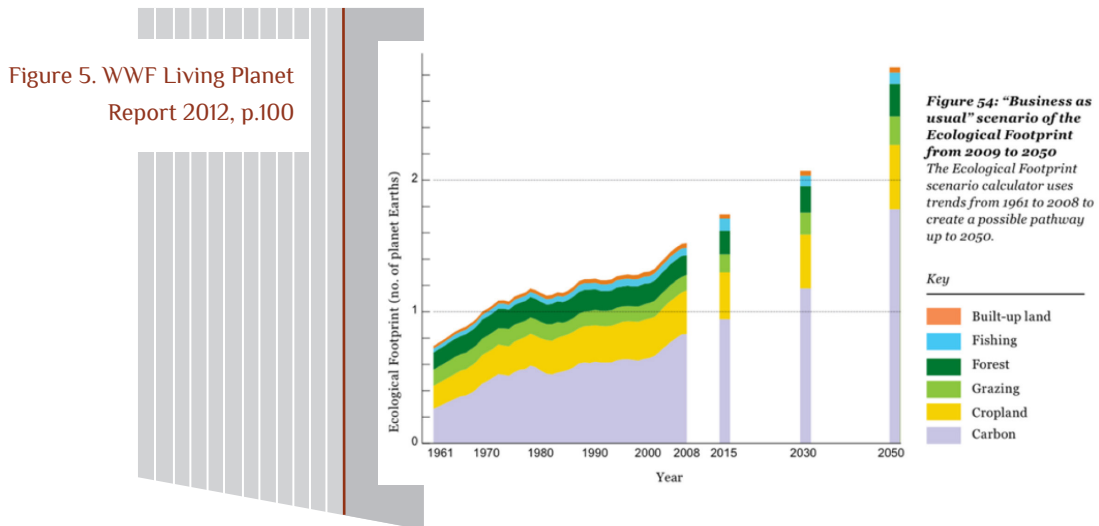
Se tivéssemos abandonado em 2007 [Fig. 3] de maneira rápida tal padrão de riqueza, levaríamos 43 anos, ou seja, até 2050, para igualarmos a quantidade de recursos naturais com o padrão de produção e consumo. Não o fizemos, como foi possível constatar mais uma vez na Rio+20 (2012) e na Conferência de Varsóvia (2013). Com as teorias sociais e as metodologias de mudança de que dispomos em 2050 estaremos consumindo o equivalente a dois planetas e 1/3 em termos de recursos naturais. Se uma pessoa ou uma organização administrasse o orçamento de sua casa ou de seu negócio desta maneira como ela seria chamada?

Figure 4. New Scientist. 18
 October 2008, p. 40

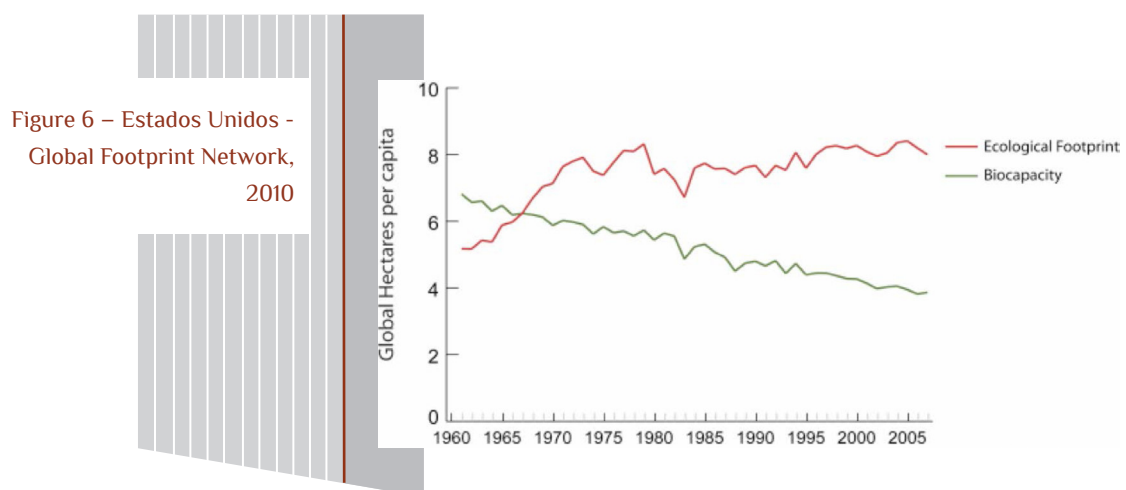


Analisemos agora [Fig. 4], as curvas de 1750, 1880, 1850, 1900, 1950 e 2000 dos índices de temperatura média do hemisfério norte, população, concentração de CO₂, PIB, perda de

florestas tropicais e bosques, extinção de espécimes, número de carros, uso de água, consumo de papel, exploração de pescados, perda de ozônio e investimento estrangeiro. Esta imagem é talvez o retrato das ideologias patriarcais de progresso, normalidade e hiper-masculinidade (Nandy, 2011). E aqui [Fig. 5] as projeções de pegada ecológica relativa a importantes índices entre 2008 e 2050, a partir dos dados de efetivo consumo deles entre 1961 e 2008.

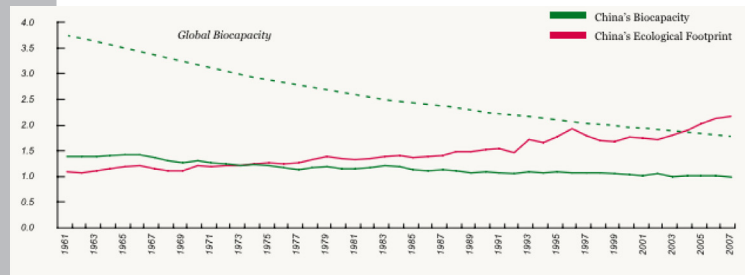


Ao completar esta base empírica para o argumento da economia psicopolítica da teoria social, vamos examinar a relação entre *pegada ecológica* (Linha Vermelha) e *biocapacidade* (Linha Verde) [Imagens 6, 7, 8, 9, 10 e 11] de alguns países «centrais», considerados «desenvolvidos» e portanto como «exemplos» a serem seguidos, inclusive pelas teorias anteriormente citadas.



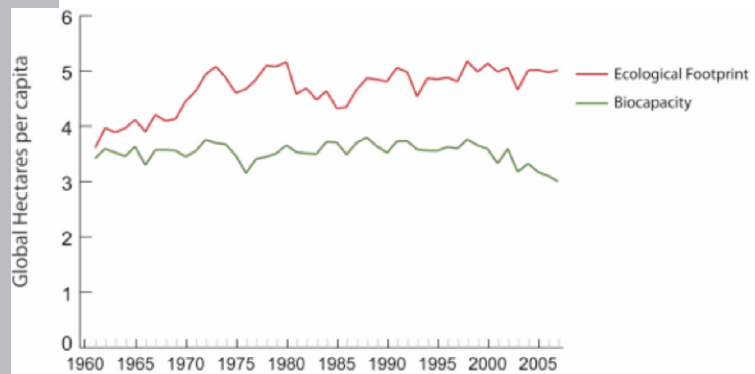
Como podemos ver, os Estados Unidos mantêm seu padrão de produção e consumo obtendo a bio-capacidade necessária retirando-a de os outros países.

Figura 7 – China. https://www.wwf.or.jp/activities/lib/lpr/Chn_EF_Report2010EN.pdf



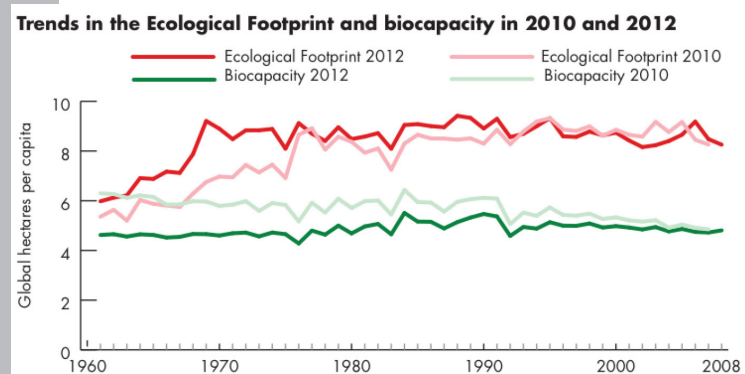
Proporcionalmente ao seu «desenvolvimento» a China retira de outros países os recursos naturais.

Figure 8 – França-Global Footprint Network, 2010

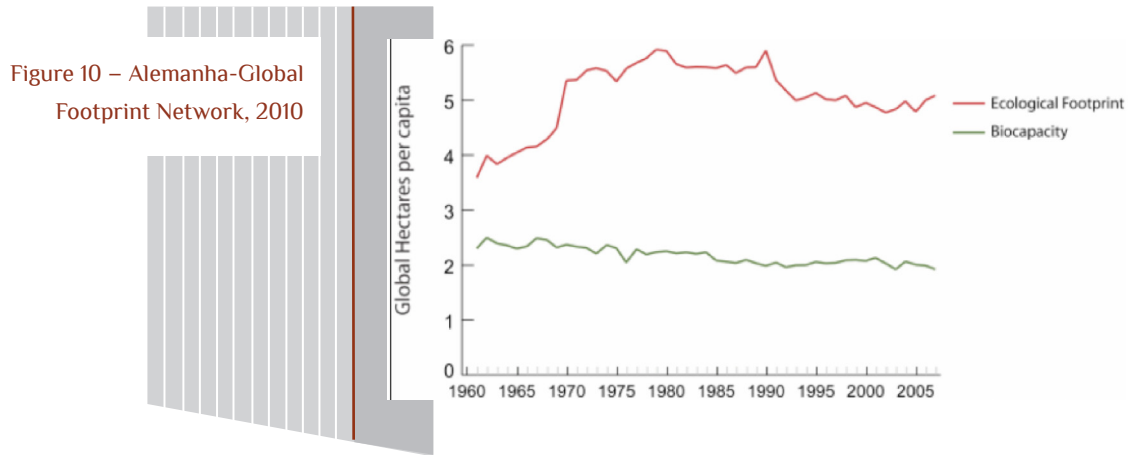


A França portanto consome reservas naturais acima de seus próprios recursos desde antes dos anos 60... Esta sintetiza a história de pilhagem colonial e pós-colonial sistemática de recursos de outros países e povos que vem desde o século XVI para a construção de uma estética de consumo, filosofia, teoria social e arte que passam a ser psicopoliticamente admiradas como «desejáveis» para todos. E, sintomaticamente, inclusive por aqueles dos quais tais recursos foram e são removidos pela força física e/ou simbólica.

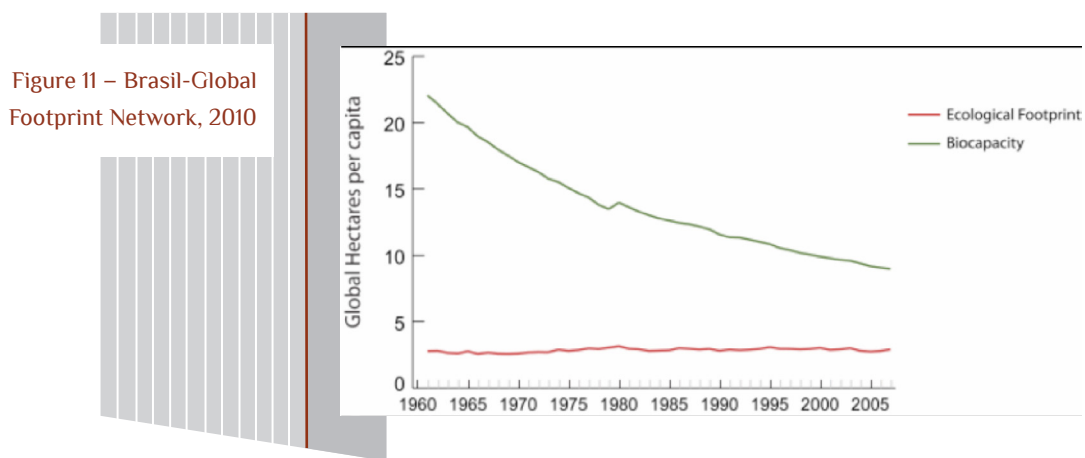
Figure 9 – Denmark-http://www.footprintnetwork.org/images/trends/2012/pdf/2012_denmark.pdf



E agora a Dinamarca, idealizada por tantos...



A situação real da «poderosa» Alemanha, no centro das duas grandes do século passado e neste no centro do ressurgimento dos nacionalismos europeus do século xv.



E esta a situação do Brasil... Cada vez menos recursos naturais e um futuro sombrio correspondente ao dos países amigos da América Latina, África e Ásia, cuja superação depende de que as ciências sociais avancem com base em nova episteme que aproxime a economia política da economia psíquica de maneira a que seja possível compreender o fenômeno da irracionalidade, das forças emocionais que obscurem a cognição e a volição, pois como dizia Mattelart em 2003, hoje a liberdade política não pode mais ser apenas o exercício da própria vontade mas precisa passar necessariamente pelo domínio do processo de formação da vontade.

Dans les années 1960, les sciences sociales ont entretenu des relations parfois intenses avec des champs du savoir qui leur échappait. C'est ainsi que des rapports nombreux et denses les ont rapprochées très tôt de la psychanalyse, à laquelle Talcott Parsons, Claude Lévi-Strauss, Roger Bastide, Norbert Elias, Theodor W. Adorno, Herbert Marcuse

et bien d'autres se sont beaucoup intéressés. Aujourd'hui, les eaux semblent s'être séparées, mais les enjeux demeurent, ou se renouvellent qui enjoignent les sciences sociales à débattre avec des partenaires pouvant jouer le rôle qu'a joué il y a un demi-siècle la psychanalyse, sans exclure de renouer avec elle: reconnaître par exemple l'importance de l'irrationnel, des émotions, aborder la complexité de la sexualité, ou les dimensions les plus centrales de la violence, la cruauté, le sadisme, la violence pour la violence appellent de nombreux partenariats et compagnonnages intellectuels (Calhoun & Wieviorka, 2013: 11).

OS DADOS DE CONCENTRAÇÃO DE PODER

Veamos agora dados sobre a concentração de poder, o que é diferente da concentração de riqueza. De acordo com a pesquisa realizada pelo Instituto Federal Suíço de Pesquisa Tecnológica-EHT sobre o poder do que chamo *estado mental capital*, na qual foi identificada a rede de poder que as pessoas formam nas corporações em todo o mundo –e mostrada pela primeira vez na História neste trabalho– ficou provado que 4/10 do controle sobre o valor econômico das empresas transnacionais está nas mãos de 147 delas; e que 3/4 destas são do setor financeiro (Ouriques, 2013).

A New Scientist publicou o comentário de um dos pesquisadores responsáveis pelo estudo, James Glattfelder, que resume a questão: «Com efeito, menos de 1% das empresas consegue controlar 40% de toda a rede» (2011: em linha). Neste 1% estão por exemplo Barclays Bank, JPMorgan, Chase&Co, Goldman Sachs, etcétera.

Como diz Ladislau Dowbor,

É natural e saudável que tenhamos todos uma grande preocupação em não inventarmos conspirações diabólicas, maquinações maldosas. Mas ao vermos como nos principais setores as atividades se reduziram no topo a poucas empresas extremamente poderosas [...] nenhuma conspiração é necessária. Ao estarem articulados em rede, e com um número tão diminuto de pessoas no topo, não há nada que não se resolva no campo de golfe no fim de semana. Esta rede de contatos pessoais é de enorme relevância. Mas sobretudo, sempre que os interesses convergem, não é necessária nenhuma conspiração para que os defendam solidariamente, como na batalha [...] para se reduzir os impostos que pagam os muito ricos, ou para se evitar taxaço sobre transações financeiras, ou ainda para evitar o controle dos paraísos fiscais. [...] O caos financeiro planetário, em última instância, tem uma origem bastante clara, de poucos atores. No pânico mundial gerado pela crise, debatem-se as políticas de austeridade, as dívidas públicas, a irresponsabilidade dos governos, deixando na sombra o ator principal, as instituições de intermediação financeira (2012: em linha).

OUTROS DADOS DECISIVOS A ENFRENTAR

Ao lado destas evidências olhamos, também de frente:

1.

A imensa perda de conquistas sociais obtidas no século passado, quando na luta contra o avanço do comunismo a mentalidade capitalista reconheceu importantes direitos trabalhistas, econômicos e sociais, bem como foi levada a aceitar taxas de tributação mais altas para os mais ricos. O que, como sabemos, acabou após a queda do Muro de Berlim: o novo «grande inimigo» deixou de ser o comunismo e passou a ser o Estado Social, e os direitos anteriormente reconhecidos foram e continuam a ser suprimidos pela correspondente privatização das políticas de saúde, educação, segurança, energia, água, mobilidade, etc. É importante ressaltar que quando modelos neo-desenvolvimentistas (baseados no fortalecimento da indústria, comércio, emprego, salários, etc.) incomodam os anseios da mentalidade neoliberal (focado no rentismo das finanças, juros altos, dívida interna e externa, desemprego, corte de salários, etc.), o fantasma do «comunismo» ressurge, como no Brasil na reação à re-eleição de Dilma Rousseff e em relação a avanços conexos na América Latina.

Le néolibéralisme, comme idéologie et comme pratique, est par essence antisociologique. Sa débâcle qu'est venue signifier la crise financière à partir de 2007 devrait être le triomphe des sciences sociales et de leur intérêt pour les institutions, les rapports sociaux et politiques, les médiations, l'action collective et plus largement la vitalité de la société civile, ainsi que celui d'un rôle relativement large de la puissance publique. Mais ne sous-estimons pas le risque de voir les sciences sociales être instrumentalisées par un pouvoir politique pour flatter via les médias les tendances les plus démagogiques, pour coller à l'opinion publique à l'aide de sondages, plutôt que de proposer des visions politiques à long terme. De tels usages sont toujours une possibilité, et si nous devons les dénoncer, nous pouvons surtout en proposer d'autres, conformes à l'esprit démocratique et aux valeurs humanistes (Calhoun & Wiewiorka, 2013: 17).

2.

O crescimento generalizado do fascismo, marcado pela irracionalidade que, ao suspender a possibilidade dialógica, instaura o avanço das forças conservadoras mesmo em seus aspectos modernizadores, e configura o *estado de exceção* nomeado por Giorgio Agamben.¹ Neste cenário quase desapareceu o campo político e a participação e deliberação democráticas, ao passo que ressurgiram os velhos nacionalismos na Europa, que datam do século xv e que, ao contrapor o Norte ao Sul na dinâmica do jugo do nacionalismo alemão, esteve no centro das duas grandes guerras, dissolve a União Européia,² e fortalece os movimentos separatistas e xenófobos de cunho fascista. Por exemplo, no Brasil ressurgiram, também em reação à re-eleição da mentalidade Dilma Rousseff, alinhados com preconceitos coloniais contra os «nordestinos», e lá, na Europa, contra os gregos, portugueses, espanhóis, galegos, etc., vistos como «preguiçosos», etcétera.

3.

O fato de que os movimentos nas ruas, como a dos *Indignados* na Espanha e os de Junho de 2013 no Brasil, foram e são eficazes no protesto mas, por um lado, na maioria das vezes³ falham na prática política: interrompem-se como surgiram ou, como no caso brasileiro, acabam capturados pela violência e mesmo pelo fascismo, tendo em vista a falta de consciência contra o quê estão protestando e a favor de quê estão lutando.

4.

A permanência de um fundo metafísico nas várias versões da modernidade tardia, que insistem em projetar a liberdade para uma «essência», desta vez a tecnológica, a da comunicação tecnológica, a qual só nos restaria adequar-nos. O que acaba outra vez por fortalecer a mentalidade privatista e desregulamentadora, uma vez que as finanças e a comunicação eletrônica são indissociavelmente associadas e a potência emancipadora da cultura digital depende do vigor da desobediência civil mental (Ouriques, 2007).

5.

A hipertrofia do protagonismo dos tribunais, articulada com o seu recuo⁴ para antes do Estado Moderno. Exemplos deste recuo estão amplamente identificados em dois países emblemáticos da América Latina: no caso chileno, por Del Valle desde 1998 (2004, 2012; Del Valle & Ouriques, 2014), em um padrão, reconhecido também pelos juizes da Corte Interamericana de Direitos Humanos em 2014, que chega ao ponto de uma condenação sob a Lei Anti-terrorista ter sido promulgada com base em testemunho anônimo que afirmou ter a «certeza moral» de que o réu seria o culpado...; e, no caso brasileiro, por Michel Misse⁵ (1997, 2006, 2010a, 2010b) que constata por isso conceitua que o sistema jurídico-judicial deste país está funcionando com base no regime de «sujeição criminal»; ou seja, quando a justiça e a mídia introjetam na identidade do cidadão uma suposta «essência» criminal. Em ambos os casos, como disse emblemáticos e que apresentam um padrão sistêmico nos dias atuais, estamos diante do recuo para a mentalidade anterior ao Direito Moderno. Que foi criado justamente para que o sujeito, após seu ato ter sido investigado e julgado como crime, e ele ter cumprido a condenação correspondente, possa retornar à Sociedade, no pleno gozo de seus direitos constitucionais.

6.

O fato de que indivíduos, grupos, redes, movimentos e organizações apresentem, de maneira muito mais frequente e comum do que gostaríamos, atitudes não-solidárias e antidemocráticas na maneira como conversam internamente, articulam suas ações intersetoriais e procuram mobilizar os segmentos sociais e organizacionais com os quais trabalham em favor da comunicação, transparência, colaboração positiva, cidadania, democracia, políticas públicas sociais, intervenções em comunidades e responsabilidade socioambiental. Quando verificamos ao longo da História, e do presente, a extensão dos prejuízos causados por essas atitudes mentais para os movimentos de transformação social em todas as áreas, podemos afirmar que se trata de uma alarmante pandemia no *território mental*. A desconexão entre os saberes das ciências sociais com aqueles sobre a economia psíquica dos indivíduos é que faz tão frequente, na ação pela transformação social nos três setores, o oposto dela: a traição, o cinismo, a vaidade, a violência, o autoritarismo, o roubo de projetos, a concentração de poder, a manipulação de assembléias e reuniões, o nepotismo, o fluxo hierarquizado e cristalizado de informações, a não-escuta, a mentira deslavada, a distorção do que é dito, a supressão de informações decisivas, o uso de «redes» para interesse próprio, a competição antiética por patrocínios, a perseguição e menosprezo dos «derrotados» em geral, etc. (Ouriques, 2009). Os dogmatismos das teorias sociais e sua incapacidade de superar o axioma hobbesiano que alimenta tais lutas fratricidas históricas no interior da academia, das organizações e dos movimentos sociais os fragmentaram e traumatizaram e continua a fragmentá-los e traumatizá-los gerando camadas e camadas de decepção e profundas feridas

cognitivas, emocionais e volitivas que dificultam a construção de alternativas pós-liberais, de fato emancipadas do neoliberalismo internacional.

7.

A incapacidade epistêmica sobretudo da teoria cultural, mas também das economias políticas com sua meta desenvolvimentista, de lidar com as outras epistemes, como as indígenas, na medida em que estas falam frequentemente do lugar da Natureza como viva e portanto da *verdade*, e para o culturalismo a Natureza não só é morta e perigosa mas a verdade ou inexistente ou impossível de ser acessada, pois seria o lugar que a episteme ocidental hegemônica só consegue ver como o lugar da captura, o que a faz acabar como assujeitada pela «verdade» do *estado mental capital*:

tem sido acanhada [a teoria cultural] com respeito à moralidade e à metafísica, embaraçada quando se trata de amor, biologia, religião e a revolução, grandemente silenciosa sobre o mal, reticente a respeito da morte e do sofrimento, dogmática sobre essenciais, universais e fundamentos, e superficial a respeito da verdade, objetividade e ação desinteressada. Por qualquer estimativa, essa é uma parcela da existência humana demasiado grande para ser frustrada. Além disso, esse é um momento bastante embaraçoso da história para que nos achemos com pouco ou nada a dizer sobre questões tão fundamentais⁶ (Eagleton, 2005: 144).

Isso reforça a lógica de produção de diferenças absolutas, de exotismos, de desigualdades, de expulsão e perseguição dos indígenas e do campesinato em todos os continentes para o avanço ainda maior do modelo neo-extrativista. Vimos no gráfico da relação entre as pegadas ecológicas e as bio-capacidades dos países «centrais» em comparação à situação do Brasil a dramaticidade que é a economia dos países latino-americanos serem movidas basicamente por seus recursos naturais. O neo-desenvolvimismo latinoamericano precisa sair desta armadilha (Ouriques, 2012c). Isto implica em uma outra teoria social que garanta o vigor da *diferença econômica*, no sentido do vigor de múltiplas maneiras econômicas de se viver; e não apenas a da redução ao padrão dito «desenvolvido», que é o da exploração dos recursos naturais do outro, este «outro» que jamais poderá chegar a tal padrão simplesmente por não existirem recursos naturais para tal. Isto obriga à revalorização de todas as economias não-capitalistas existentes, como as economias camponesas, as economias indígenas e as economias solidárias construídas na gratidão, na reciprocidade e no respeito à Natureza.

A coleção inteira de processos homeostáticos governa a vida, de momento a momento, em cada célula do nosso corpo. [...] É claro que a tentativa continua de conseguir um estado de vida equilibrado é um aspecto profundo e definidor de nossa existência. É o que nos diz Espinosa, que vai mais longe e chama a essa tentativa a primeira realidade de nossa existência, uma realidade que ele descreve como o esforço implacável da auto-preservação presente em qualquer ser. Espinosa designa esse esforço implacável com o termo *conatus*, a palavra latina que pode também se traduzir como tendência, no sentido que aparece nas Proposições VI, VII e VIII da Ética, Parte III (Damásio, 2003: 43-44).

8.

A resistência das ciências sociais em enfrentar os limites da Natureza, como referido, e aceitar que passamos da contradição entre *capital* e *trabalho* para a contradição entre *cultura* e

natureza, uma vez que tal enfrentamento implica necessariamente em rever o fundamento epistêmico do Ocidente, baseado em que a liberdade estaria garantida por uma cultura que não seria «limitada» pela natureza sob forma alguma. Isto provou-se ser um equívoco, como insisto por escrito desde 1975 (Ouriques & Werner, 1975).

É sempre um sinal de ignorância ou orientação mística colocar o homem e suas emoções fora do âmbito da natureza física. O homem é parte da natureza: ele surgiu das funções naturais. Não é possível ser de outro modo. É decorrência de simples raciocínio sobre a evolução natural. Não há contra-argumento válido para essa afirmação (Reich, 2003: 192).

9.

A dinâmica das teorias vigentes em por um lado insistirem na potência de justiça e equanimidade do Estado, quando atualmente ele está em geral nas mãos de antidemocratas, ou então de sujeitos inicialmente democratas que emergem de experiências de subjugação e «ao chegar ao poder» (quando na verdade a captura se dá não quando ele «chega lá» mas pelos estados mentais que moveram e movem o sujeito na direção do poder institucionalizado) revelam-se subjugadores de outros, o que impede a mudança social proposta. Ser emancipado é o efeito de ser posto pela estrutura (poder) na história (lugar determinado) e de emergir em rede como seu contraposto reflexivo (potência). É o que fazemos na economia psicopolítica: focamos na capacidade do sujeito, como agência, ser exemplo vivo de uma nova maneira de pensar, de ser afetado, de afetar, de perceber e portanto de direcionar sua volição no modo como age, em rede, com a família, os amigos, o trabalho, o movimento, as ruas, a cama, o mundo.

A ECONOMIA PSICOPOLÍTICA

Consciente destes fatos, e de tantos outros conexos, a economia psicopolítica, com seu fundamento epistêmico não-dualista (na medida em que é o dualismo que prevaleceu no Ocidente a origem da fragmentação em todos os níveis e campos) está atenta em como a manipulação ocorre –a ponto de gerar tamanhos paradoxos como os vistos até aqui entre os propósitos das teorias sociais e movimentos vigentes e os resultados efetivos obtidos–, de maneira a revertê-la.

Neste sentido é decisivo lembrar que os teóricos clássicos da propaganda, da publicidade, do marketing e das relações públicas baseiam-se no princípio verificado no início do século passado, por exemplo por Paul Felix Lazarsfeld e Edward Bernays (este sintomaticamente sobrinho de Sigmund Freud) de que «a despeito das predisposições a manipulação não progride» (Serpa, 2013: 19).

Portanto é a centralidade estratégica do foco na auto-desconstrução psicopolítica em rede do *território mental* do receptor, para então (de maneira não-linear mas simultânea e cumulativa) que ele se auto-construa cognitiva, afetiva e volitivamente de maneira igualmente psicopolítica e em rede como agência, o que me faz concordar com Valério Brittos (2003) que a valorização do receptor é relevante elo de encontro entre a Economia Política da Comunicação e os Estudos Culturais.

O fato é que a dominação se faz através de operações psicológicas com fins políticos, portanto psicopolíticos, enquanto a resistência a tais operações são feitas por teorias e metodologias de mudança que relegam o que chamam dualisticamente de «psíquico» ou a a um plano secundário (Ouriques, 1992), ou então a uma hipervalorização dos afetos que recusa a consciência crítica sobre eles, insistindo na tradição de remeter o sujeito ao desejo (basta ser afeto para ser legítimo), justamente o lugar onde o sujeito é capturado pela manipulação de suas predisposições.

O salto do reino da necessidade ao reino da liberdade colocará inevitavelmente a questão do domínio de nosso próprio ser, de subordiná-lo a nós mesmos. [...] Na futura sociedade, a psicologia será, na verdade, a ciência do homem novo. [...] essa ciência do homem novo será também psicologia. Para isso já hoje mantemos suas rédeas em nossas mãos. Não é preciso dizer que essa psicologia se parecerá tão pouco com a atual como, conforme palavras de Spinoza, a Constelação do Cão se parece ao cachorro, animal labrador [...]! (Vigotski, 2004: 417).

Tal consciência começa pelas predisposições geradas pelo trauma epistêmico que é afastá-lo de sua realidade orgânica, de sua realidade autopoiética, da realidade de que o fundamento biológico, psíquico e social é o *amor*, como provado por Humberto Maturana e Francisco Varela (Maturana & Varela, 2001; Maturana & Verden-Zoller, 2004). Sim, o *amor* (Eagleton, 2005), este outro nome que segue epistemicamente escondido sob os valorizados nomes «direitos humanos», «justiça social», «políticas públicas», «equidade econômica», «diálogo», «respeito», «forças emocionais».

[...] o maior enigma da vida, a função de autopercepção e consciência de si, este enigma está envolto em temor e reverência; às vezes resulta em um assustado assombro, ou mesmo até em completa confusão e desintegração do ego investigador, como na esquizofrenia. Toda luta pela perfeição aparece, sob esta luz, como uma luta pela mais completa integração entre as emoções e o intelecto; em outras palavras, é uma luta pela quantidade máxima de fluxo da bioenergia [biopoder], sem bloqueios e cisões impeditivas da autopercepção (Reich, 2003: 304).

São 11 os grandes eixos de operações psicológicas com fins políticos, portanto psicopolíticos, que mantemos sob rigorosa atenção, cognição e afeto incorporados.

The general terms «embodiment theories» and «theories of embodied cognition» refer to a particular account of how the mind represents and processes information [...]. Some researchers working on problems as seemingly diverse as the recognition of facial expression, what language is used for, empathic responding, and how metaphors arise and function, rely on theories of embodied cognition. In recent instantiations of such theories, mental processes are called «embodied» because an incomplete but cognitively productive reexperience is produced in the brain as if the individual were there in the very situation, the very emotional state, or with the very object of thought [...]. In other words, from these accounts, thought and language rely on partial reactivations of neutral states in sensory-motor and affective systems to perform their tasks. Such a view has arisen in contrast to models of mental processing that hold that external and internal events that an individual encounters retain no perceptual or experiential basis in

memory. According to those models, information that is encoded by the sense modalities is stored in memory as abstract symbols that are functionally separated from the original neural systems –those involved in vision, olfaction, and audition, for example– that encoded them in the first place (Niedenthal & Maringer, 2009: 122).

Tudo depende portanto que o sujeito faça uma dobra mental-incorporada, ou seja, dê uma cambalhota para trás na qual ele toma o *self* como objeto do conhecimento e experiencia a fusão valor e fato (Ouriques, 2013) e assim pratica a re-edição de seu território mental, eliminando gradativamente os estados mentais discriminatórios (do que depende por exemplo a *unidade sem uniformidade* dos movimentos sociais, como queria Rosa Luxemburgo nos anos trinta).

Il est possible que toutes ces luttes, toutes ces mobilisations ne trouvent jamais le moindre principe d'unité, et qu'elles correspondent à des univers de significations fragmentés, sans correspondance. Mais les sciences sociales peuvent aussi poser la question de leur éventuelle intégration future dans l'image d'une conflictualité relativement unifiée (Calhoun & Wieviorka, 2013: 26).

Eis os 11 eixos:

1.

Família/Sociedade (a mentalidade do «crescimento ilimitado», reificada pela violência de gênero e pela violência contra a infância); 2. Educação (a pedagogia da opressão); 3. Mídia (a concentração crescente da propriedade cruzada dos meios de comunicação desregulados sob o argumento baseado nos insustentáveis conceito de «censura» e de «liberdade de expressão comercial»); 4. Esportes (o incentivo à competição entendida como eliminação do outro para objetivos rentistas); 5. Religião (o esvaziamento do contato direto com a auto-poiesis através da relação mediada, reforçando o regime de servidão); 6. Ciência (comprometida tecnologicamente com os interesses bélicos, financeiros, comerciais, publicitários, eleitorais; e com o «dissenso consentido» promovido pelas agências de financiamento de pesquisas e monitoramento dos programas de pós-graduação); 7. Arte (a dramaturgia da mimesis, ao invés do êxtase); 8. Confinamento Judicial (a punição por conflito com a Lei); 9. Confinamento Psiquiátrico (a punição por conflito com a «normalidade»); 10. Guerra Psicológica (em sua 4a. geração, a Guerra Psicológica tem como principal objetivo exatamente gerar a decepção no adversário, o estado mental anteriormente referido, pois é o que permite dominá-lo da menira mais eficaz e eficiente); 11. Vigilância (o caráter panóptico da internet, como provado pelo Echelon, Wikileaks e Snowden).

Conhecemos bem a imensa e crescente incapacidade atual das instituições de serem capazes de ajudar os sujeitos a lidar com suas vidas. Elas foram destruídas pelo axioma hobbesiano (ou seja, de que seríamos incapazes de superar a violência) vindo tanto das teorias sociais e metodologias de mudança, que o naturalizaram, quanto do estado mental neo-liberal cujo inimigo é o Estado. Portanto construir, reconstruir e fortalecer instituições que ajudem de fato os sujeitos a lidar com suas vidas depende diretamente que os sujeitos-agência superem psicopoliticamente em rede o axioma hobbesiano. Wright Mills estava certo quando disse em 1959 que «neither the life of an individual nor the history of a society can be understood without understanding both» (Calhoun & Wieviorka, 2013: 35). É isto que a economia psicopolítica faz. ■■■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICO

AGAMBEN, Giorgio (2004). *Estado de exceção*. São Paulo: Boitempo.

BRITTOS, Valério (2003). «A economia política da comunicação e o papel do receptor». *Conexão - Comunicação e Cultura*, 2 (4), s/p.

CALHOUN, Craig; WIEVIORKA, Michel (2013). «Manifeste pour les sciences sociales». *Socio* (N.º 1), pp. 3-38.

DAMÁSIO, António (2003). *Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos*. São Paulo: Companhia das Letras.

DEL VALLE, Carlos (2004). «Los desafíos de la interculturalidad en la transición de la justicia penal en Chile: discursos y prácticas pendientes». *Lengua y Literatura Mapuche* (N.º 10), pp. 217-226.

_____ (2012). «Interculturalidad, estructuras normativas y exclusión social en la sociedad de la información». En Del Valle, Carlos; Moreno, Javier; Sierra, Francisco (coords). *Políticas de comunicación y ciudadanía cultural iberoamericana* (pp. 281-242). Barcelona: Gedisa.

DOWBOR, Ladislau (2012). «A rede do poder corporativo mundial» [em linha]. Disponible en <<http://goo.gl/GZZR9S>>

EAGLETON, Terry (2005). *Depois da teoria*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

MISSE, Michel (1997). «As ligações perigosas. Mercado informal ilegal, narcotráfico e violência no Rio de Janeiro». *Contemporaneidade e Educação*, 2 (1), pp 93-116.

_____ (2006). *Crime e violência no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lúmen Juris.

_____ (2010a). «Trocas ilícitas e mercadorias políticas: para uma interpretação de trocas ilícitas e moralmente reprováveis cuja persistência e abrangência no Brasil nos causam incômodos também teóricos». *Anuário Antropológico/2009-2010*, pp. 89-107.

_____ (2010b). «Crime, sujeito e sujeição criminal: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria “bandido”». *Lua Nova* (N.º 79), pp. 15-38.

NANDY, Ashis (2011). *The Intimate Enemy: Loss and Recovery of Self under Colonialism*. New Delhi: Oxford India Paperbacks.

OURIQUES, Evandro Vieira (2007). «Desobediência civil mental e mídia: a ação política quando o mundo é construção mental». Goiânia: *Anais do 10º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo*.

_____ (2009). «Território mental: o nó górdio da democracia». *Democracia Viva* (N.º 46), pp. 76-81.

_____ (2010a). «O conceito envolvimento e o caráter político das práticas linguísticas». En Resende, Viviane y Pereira, Fábio (orgs.). *Práticas socioculturais e discurso: debates transdisciplinares* (pp. 175-196). Covilhã: Labcom-Universidade de Beira Interior.

_____ (2010b). «Sustentabilidade, Democracia e Sinceridade: ideias gêmeas, no útero da Mente Sustentável». *Revista Fórum de Direito Urbano e Ambiental*, 9 (49), s/p.

_____ (2011). «Epistemologías pre-hispánicas de América Latina y cambio psico-social: el caso de los conceptos Derecho a la Comunicación y Desarrollo Mediático». *Folios* (N.º 24), pp. 121-140.

_____ (2012). «Psicopolítica e emancipação intercultural: a questão Galiza, Brasil e Lusofonia». *Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa*, Vol. 5, pp. 43-67.

_____ (2013). «Auto-reflexão, valor e fato: o silêncio epistêmico que emancipa Ciência, Cultura, Tecnologia e Arte». *Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa*, Vol. 6, pp. 117-126.

_____ ; WERNER, Sandra (1975). *Ecologia total*. Rio de Janeiro: Edição do Autor.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco (2001). *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo: Palas Athena.

NIEDENTHAL, Paula; MARINGER, Marcus (2009). «Embodied Emotion Considered». *Emotion Review*, 1 (2), pp. 122-128.

REICH, Wilhelm (2003). *O Éter, Deus e o Diabo*. São Paulo: Martins Fontes.

SERPA, Marcelo (2013). «Eleições espetaculares: como Hugo Chávez conquistou a Venezuela». Rio de Janeiro: la contraportada / Faperj / UFRJ.

VIGOTSKI, Liev (2004). *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes.

VITALI, Stefania; GLATTFELDER, James; BATTISTON, Stefano (2011). «The Network of Global Corporate Control». Chair of Systems Design, ETH Zurich. [em linha] Disponível em <<http://arxiv.org/pdf/1107.5728.pdf>>

ZEMELMAN, Hugo (s/d). «Pensar teórico y pensar epistémico: los retos de las ciencias sociales latinoamericanas». México D.F.: Instituto Pensamiento y Cultura.

NOTAS

¹ A questão é a partir de 11 de Setembro foi naturalizado um estado mental de guerra civil mundial contínua que tornou-se o paradigma de governo dominante na política contemporânea. O que era uma medida de exceção, portanto provisória, passou a ser uma condição da governabilidade, diante da qual cessam todos os instrumentos do Direito moderno de garantias individuais, o que é feito sintomaticamente em nome do vigor do individualismo em seu clímax neoliberal.

² Boaventura de Souza Santos: «Uma das coisas às quais nunca se faz referência é que a Alemanha não pagou a sua dívida à Grécia pela ocupação e destruição na Segunda Guerra Européia, mas atualmente cobrou a dívida da Grécia, o que constitui uma injustiça histórica tremenda» (<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/537124-o-neoextrativismo-esta-acabando-com-a-america-latina-entrevista-com-boaventura-de-sousa-santos>).

³ Boaventura também chama a atenção para que os Indignados na Espanha «conseguiram converter-se em um novo partido, o Podemos, e que está tendo sucesso eleitoral e está obrigando o PSOE, um dos partidos que mais foi à direita no passado, a se reformular» (id.).

⁴ Sincrônico à crise ética do jornalismo. O maior exemplo brasileiro é o conhecido «jornalismo» praticado pela revista *Veja* no Brasil.

⁵ «Neste sentido, representações de “periculosidade”, de “irrecuperabilidade”, de “crueldade” participam de processos de subjetivação que conduzem, no limite à justificação do sujeito criminal. Trata-se de um processo de inscrição do crime na s%%%ubjetividade do agente, como uma possessão e não apenas como um comportamento crimínavel, tornando muitas vezes sua tentativa de “sair do mundo do crime” tão inverossímil para os outros a ponto de exigir um processo de conversão (desposessão) de tipo religioso» (Misse, 2010b: 25-26).

⁶ «[...] un relativisme qui inquiétait déjà Irving Horowitz dans les années 1990 (Horowitz, 1993): l'universalisme de la raison ne cède-t-il pas du terrain face à la poussée des spécialisations par domaine qui tendent à s'enfermer chacune dans son propre espace, sans communiquer avec l'ensemble d'une discipline et moins encore avec plusieurs? Le spectacle des grandes librairies universitaires confirme souvent cette impression: le rayon "sociologie", aux États-Unis y est pauvre, et poussiéreux, tandis que les rayons "gay and lesbian studies", "genocide studies", "African-American studies", etc. prospèrent, ainsi que tout ce qui touche aux thèses relatives à la postmodernité, elle-même très souvent antichambre de ce relativisme» (Calhoun & Wievioka, 2013).